

**“Chega de *bullying*”: um olhar sobre a mobilização
de crianças e adolescentes contra o *bullying* na internet**

***“Stop bullying”: a view about the mobilization
of children and younger the combat the bullying at internet***

Romulo TONDO¹
Juliana Lima Moreira RHODEN²
Valmor RHODEN³

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar de forma plural e horizontal, o programa de responsabilidade social do canal por assinatura Cartoon Network Brasil, através da bandeira Movimento Cartoon - “Chega de Bullying: não fique calado” - no combate a prática de *bullying* contra crianças e adolescentes. Para lucidar a temática, abordaremos no transcorrer deste artigo a mobilização social na Web 2.0 e as políticas antibullying em fase de implantação no cenário nacional e já implementadas no estado do Rio Grande do Sul. Para isso, consideramos que o site do presente programa como o principal instrumento para difundir informação e conhecimento sobre a temática, bem como sua interface, conteúdo e elementos imagéticos. Nesta perspectiva, acredita-se que o programa de mobilização social cumpre com o objetivo de (in)formar sobre os principais aspectos desta violência que vem ganhando cada vez mais espaço na discussão da sociedade atual.

Palavras-chave: *Bullying*. Criança e Adolescente. Internet. Violência.

Abstract

This article has the objective to analyze in a plural and horizontal way, the social responsibility of the Cartoon Network Brazil, cable tv, through the Cartoon Campaign – “Stop Bullying: Speak Up” – in combat of the practice of bullying against children and teens. To elucidate the thematic, we will discuss in this article the social mobilization on web 2.0 and the politics antibullying that are already implemented in the Rio Grande do Sul. For this to happen, we have to consider the website as the main tool, on how to disseminate information, knowledge on the subject, and as well, its interface,

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM). E-mail: romulotondo@gmail.com

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora da Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja. E-mail: juli.rhoden@gmail.com

³ Doutor em Comunicação pela PUCRS. Professor da Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja. E-mail: valmor@unipampa.edu.br

contents and imagistic elements. For this to happen, we have to consider website of the program as the main instrument to diffuse the information and knowledge. In this perspective, we believe that the program of social mobilization meets the objective of information, the main aspects of this violence. This is a theme that is gaining space in our society.

Keyword: Bullying. Children and Teens. Internet. Violence.

Introdução

Vivemos em uma sociedade competitiva onde, a desigualdade é algo inevitável, não importando em que contexto a desigualdade esteja inserida. Seja ela intelectual ou financeira, ela é responsável por grande parte dos conflitos e da consumação da violência que presenciamos no cotidiano social. Para Maria Cecilia de Souza Minayo, em entrevista⁴ ao portal da Sociedade Brasileira de Pediatria, diz que quando “falamos em violência estamos trabalhando com relações desiguais, em que um tenta dominar, agredir física ou emocionalmente, ou ainda se omite de seu papel em relação ao outro” (1999).

Na tentativa de unificar um conceito sobre violência, em 1981, a Organização Mundial da Saúde (OMS) a definiu como “a imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis” (OMS, 1998). A conceituação elaborada pela OMS nos mostra que a violência não é somente aquela visível, mas também aquela atrelada ao psicológico de uma pessoa. Segundo publicação da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, dirigido a jornalistas, “a violência contra meninos e meninas não se restringe à violência física. Além dela, há também a violência sexual, psicológica, o *bullying*, entre outras formas de agressão” (ANDI, 2009, p. 80).

A questão da violência é componente real de muitos aspectos da ordem social. Para nós, o olhar sobre a violência ganha um foco de reflexão acadêmico e determina nossa motivação para a construção deste artigo. Ou seja, este texto tem como objetivo analisar o site movimento “Chega de Bullying”, programa de responsabilidade social dos canais do Cartoon Network América Latina, na perspectiva da violência contra

⁴ Entrevista concedida pela pesquisadora para a Sociedade Brasileira de Pediatria. Conteúdo disponível através do link < <http://goo.gl/zs9jV> >

criança e adolescente no que tange a campanha de não violência, mais precisamente na prática do *bullying* na sociedade moderno-contemporânea. Acreditamos que a prática deste tipo de violência não acontece somente no ambiente escolar, mas também em espaços públicos, privados e virtuais, caracterizando-se por uma violência não só física, mas também como psicológica.

Ao longo deste artigo abordaremos questões relacionadas com o direito da criança e do adolescente. Também, acreditamos que seja necessário compreender como o mobilização digital vem ocorrendo nas redes sociais, mesmo sabendo que este movimento tem como público crianças e adolescentes, algo diferente dos demais movimentos digitais que são realizados por adultos ou jovens que já sabem como utilizar-se das redes para impulsionar suas reais intenções. E por fim, analisamos o site “Chega de Bullying”, como principal instrumento de informação e articulação do movimento idealizado pelo canal Cartoon Network, no que tange a questão de conteúdo disponibilizado em uma interface digital que venha estimular a participação e interação de crianças a não violência aos seus pares, no caso o bullying.

Mobilização social na web 2.0

A sociedade está em constante processo de (re)construção de saber(es). Manuel Castells em sua contribuição para o campo das Ciências Sociais, apresenta uma profunda análise do quanto a morfologia das sociedades contemporâneas (início da década de 60 e 70) avançaram devido a globalização, uso e apropriação das tecnologias da informação e comunicação (TIC), que são postas em meio de profundas mudanças em relação as relações sociais, nos sistemas políticas e nos valores.

Toro (1996) afirma que muitas vezes o caráter de mobilização social é confundido por muitos por manifestações públicas, no entanto, a mobilização social somente ocorre quando um “grupo de pessoas, uma comunidade ou uma sociedade decide e age com um objetivo comum, buscando, quotidianamente, resultados decididos e desejados por todos”. (TORO, 1996, p.5). Para além da construção do caráter de mobilização, o autor acredita que a mobilização social é um ato de escolha, já que o sujeito é convidado a participar das ações, podendo desta forma participar ou das ações

que venham atender um objetivo pré-determinado e comum a todos. Nesta concepção, Toro (1996) acredita que a mobilização social:

Pressupõe uma convicção coletiva da relevância, um sentido de público, daquilo que convém a todos. Para que ela seja útil a uma sociedade ela tem que estar orientada para a construção de um projeto de futuro. Se o seu propósito é passageiro, converte-se em um evento, uma campanha e não em um processo de mobilização. A mobilização requer uma dedicação contínua e produz resultados quotidianamente. (TORO, 1996, p.5)

Toro (1996) aponta o potencial de mudança das mobilizações sociais, ao mostrar que um dos principais motivos desta união em benefício social é constante e tem como objetivo final a transformação. Para o pesquisador, a transformação ocorre quando os cidadãos tomam conhecimento que suas ações são capazes de construir algo que venha melhorar a sociedade em que eles estão inseridos. Assim a mobilização, é fruto da cidadania participativa, “quando as pessoas assumem que têm nas mãos o seu destino e descobrem que a construção da sociedade depende de sua vontade e de suas escolhas, aí a democracia pode tornar-se uma realidade” (TORO, 1996, p. 7).

Devemos atentar que vivemos em uma sociedade em rede, ou seja, antes mesmo da construção da web como a conhecemos, já nos encontrávamos conectados através da rede social, seja familiar ou comunitária, ela nos aproximava de outros sujeitos que são capazes de fazer a construção do nosso social. O termo rede vem ganhando cada vez mais o vocabulário dos sujeitos, principalmente de crianças e adolescentes, já que o meio digital utiliza-se do termo para sites de relacionamento coletivo como o Facebook, Twitter, Orkut e outros. Segundo a pesquisadora Raquel Recuero (2013), basta o usuário logar as redes sociais digitais para ter acesso ao que seus amigo e contatos estão fazendo. Contudo, Recuero (2013) avalia que houve uma transformação com o uso e apropriações das tecnologias por parte do sujeito, onde foi capaz de reconfigurar noções da realidade social, tal qual a amizade. Nas palavras da Recuero:

A natureza dos laços sociais também sofreu alterações. Aqueles laços que antes necessitavam da interação para ser construídos (laços emergentes, como chamamos), passaram a ser construídos também pela associação (laços associativos) e passaram a ser mantidos pelos próprios sites (Recuero, 2009, online)

Assim, Recuero, acredita que o uso das redes sociais na atualidade é capaz de criar uma conservação em Rede, ou seja, nas perspectivas da autora, este fenômeno diz respeito a interações verbais entre atores, onde estes “constroem relações sociais e dividem informações e valores sociais” (Recuero, 2013, p.3).

A rede social virtual, em uma perspectiva minimalista é o ponto de encontro de diferentes gerações que estão conectadas em um espaço virtual que pode agregar diferentes formas de pensar. Fernando Barreto, em seu texto no livro “Para entender as mídias Sociais” apresenta uma perspectiva sobre a mobilização da rede. Já que mesmo antes da criação das redes sociais virtuais, os homens já realizavam agrupamentos e mobilizações para atingir um objetivo maior. Para Barreto, tudo está relacionado à forma como estes sujeitos se comunicam, ou seja, “hoje tudo pode ser feito online. Bastam instantes para um número enorme de pessoas. O custo de participação é menor e o leque de temas e opções é infinitamente maior” (BARRETO, p. 162-163). Este tipo de mobilização social, mesmo que na forma digital, faz com que “mais pessoas têm voz para falar de assuntos que lhes interessam com maior ou menor conhecimento de causa, sem hierarquia e com pluralidade de olhares” (BARRETO, p.163).

As mobilizações sociais virtuais ganham características agregadoras no ambiente virtual, em outras palavras, as redes sociais digitais vêm impulsionar o que atores sociais produzem e articulam no espaço fora da rede mundial de computadores, sendo que estes espaços são de usos e apropriações da internet e das redes sociais para atingir o maior número de pessoas engajadas. Para Castells (2012), as redes sociais na internet se caracterizam como espaços digitais autônomos fora do controle de governos ou corporações midiáticas. Isso favorece como um espaço potencial para o desenvolvimento de ações plurais e horizontais que visam melhorar a situação de atividades do cotidiano social de seus interagentes.

Podemos exemplificar através do Movimento Zapatista que no ano de 1994 utilizava-se de diferentes meios de comunicação para propagar seus ideais revolucionários, entre eles o rádio, produções audiovisuais e também a internet. Mesmo que a internet encontrava-se em período de expansão, muitos pesquisadores acreditam que o Movimento Zapatista foi o primeiro movimento social a utilizar das novas mídias para impulsionar seus ideais para a sociedade civil mexicana e mundial. Em um cenário atual, podemos citar a Revolução no Egito (2011), que exigiam eleições democráticas e

a queda do ditador Mubarak. Na linha de frente neste cenário atual, o Egito, procedeu às mobilizações em meio aos países Árabes, levando ao que ficou conhecido como a Primavera Árabe, utilizando-se das redes sociais para informar o que estava acontecendo no país diante do cenário de mobilização e constante violência contra a população envolvida nos manifestos.

Não podemos deixar passar despercebidas as reivindicações da população brasileira em junho de 2013, que no primeiro momento era uma iniciativa contra o aumento da passagem em cidades como Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, e repercutiu em outras cidades havendo assim uma comunicação, uma mobilização e articulação através das redes sociais digitais. Em um segundo momento outros segmentos da sociedade civil uniram-se e foram as ruas em busca de melhorias na Educação, Saúde e contra Projetos de Lei que estavam previstos para votação.

O *bullying*: fenômeno e leis

Debater sobre questões relacionadas à tematização do *bullying* e as suas consequências na sociedade contemporânea é de extrema importância. Este tipo de violência, recorrente no ambiente escolar, é capaz de fazer com que pesquisadores e profissionais da rede de proteção da criança e adolescente, educadores e empresas reflitam sobre ações transformadoras, que venham colaborar com a transformação social, principalmente a partir de relatos de práticas bem sucedidas na prevenção deste tipo de violência.

As violências são entendidas por diferentes culturas, como o uso excessivo do emprego de força contra algo ou alguém. Entende-se, ainda, como violência toda ação contrária à ordem ou a disposição da natureza. Também pode ser compreendida como qualquer ação que se afasta de sua natureza, que invade os limites de tolerância pessoal e ou social e, não respeita a peculiaridade da pessoa humana. Uma das formas de violência debatida e que tem merecido atenção por parte de pesquisadores de diferentes áreas, e foco deste artigo de especialização, é denominada na literatura internacional como *bullying*. De acordo com os estudos desenvolvidos pela pesquisadora Telma Brito Rocha, e recentemente em um texto publicado na Revista Ateliê (2012), o *bullying* é pode ser expressa através da sua origem inglesa:

A expressão inglesa derivada do adjetivo *bully*, que significa valentão, brigão. Foi cunhado pela primeira vez pelo noroegues Dan Olweus, em 1970. Em sua definição, *bullying* refere-se a exposição de um indivíduo ou grupo de indivíduos a ações negativas, que envolvem comportamento agressivo e incomoda o outro por meio de palavras, ações, contatos físicos, gestos obscenos, exclusão, etc. (ROCHA, 2012; p. 24).

Bullying é como se caracterizam todas as formas de atitudes agressivas intencionais e recorrentes, sem uma motivação evidente, praticadas por crianças e adolescentes, ou por seus pares. Esse tipo de comportamento, causa nas pessoas que são o alvo sentimentos como: a humilhação, a dor e a angústia e pode ser manifestado em qualquer lugar onde existam relações interpessoais, como na escola, no ambiente familiar ou até na internet.

Já, na perspectiva de Porto e Wrasse, a expressão refere-se:

[...] a uma situação na qual um indivíduo (*bully*) ou grupo de indivíduos (*bullies*) deliberadamente atormenta, hostiliza ou molesta outro(s). Pode ser traduzido como tiranizar, oprimir, amedrontar, intimidar, humilhar. Os estudos sobre o *bullying* escolar tiveram início na década de 70, na Noruega, Suécia e Dinamarca, motivados pelo crescente número de suicídio entre crianças e adolescentes, principalmente na Europa. Em busca de suas principais causas, os pesquisadores depararam com os maus-tratos que os alunos recebiam dos colegas de escola. Profissionais da psicologia passaram, então, a estudar as formas de relacionamento estabelecidas entre os estudantes e constataram a existência de um fenômeno antigo, que, no entanto, requeria atenção e tratamento, por comprometer, sobretudo o psiquismo daqueles que eram vitimizados, em especial o das crianças pequenas. (PORTO; WRASSE, 2010, p.221).

Este tipo de violência trata-se de um comportamento na maioria das vezes consciente, intencional, deliberado, hostil e repetido, de uma ou mais pessoas, cuja intenção é ferir um sujeito, que por muitas vezes ocupa uma posição vista pelos “valentões” como inferior a deles. Para Tognetta (2009) o *bullying* está ligeiramente relacionado com o conflito de indivíduos ou simplesmente de um sujeito. Para a pesquisadora existe uma diferença entre o *bullying* e o conflito normal e cotidiano, sendo que “o primeiro seria um conflito somado à agressão, o que torna doloroso demais e por isso a seriedade do assunto” (Tognetta, 2009, p.167). Para a doutora em

Psicologia, existe uma ligação entre o sujeito que agride (agressor) e o sujeito que sofre este tipo de agressão, o *bullying*.

Silva (2010, p.22) ao se referir das formas de *bullying*, salienta que:

Algumas atitudes podem se configurar em formas diretas ou indiretas de práticas de *bullying*. Porém dificilmente a vítima recebe apenas um tipo de maus tratos; normalmente, os comportamentos desrespeitosos dos *bullies* costumam vir em “bando”. Essa versatilidade de atitudes maldosas contribui não somente para a exclusão social da vítima, como também para muitos casos de evasão escolar, e pode se expressar das mais variadas formas. (SILVA, 2010, p.22)

Com os avanços tecnológicos na área da informação e da comunicação, o *bullying* é versado em outros ambientes, migrou do off-line a ganhou o ambiente virtual, mostrando que o ciberespaço é também um ambiente capaz de agregar qualquer tipo de informação sem restrições, fazendo com que os praticantes tenham na internet um ambiente propício para a prática deste tipo de violência. Esta nova modalidade de *bullying*, chamamos de *cyberbullying* e sendo debatido por diferentes profissionais de diferentes áreas como Comunicação, Psicologia, Serviço Social e Educação.

O *cyberbullying* ocorre quando uma ou mais pessoas resolvem humilhar, apelidar, isolar outras pessoas, através do ambiente digital, sejam através de sites, blogs, comunicadores instantâneos, e-mails maldosos, difamações e até a utilização de perfis pessoais ou *fakes*⁵ em redes sociais digitais, ou seja, utilizam de todas as possibilidades que os recursos tecnológicos lhes oferecem. As agressões por meio digital costumam ocorrer devido à sensação de anonimato. Esta ideia ocorre por não existir o confronto direto, sendo assim, o *cyberbullying*, geralmente, não costuma tratar de agressões físicas, e sim morais, o que pode agravar mais o transtorno das vítimas, já que no ambiente virtual os autores da agressão podem manter suas identidades em perfis anônimos.

De acordo com Silva (2010, p 134), aqueles que praticante com maior frequência o *cyberbullying* são os adolescentes, e não é por acaso. A autora fala sobre

⁵ Para Jorge Rocha em seu texto no livro “Para Entender as Mídias Sociais”, relata que o aparecimento da terminologia *fake* se dá através de uma notícia do jornal inglês The Guardian, de 17 de março de 2011, onde o periódico reporta a construção de perfis falsos pelo governo norte-americano. Neste mesmo texto, o autor, salienta que existe uma infinidade de “personalidades” assumidas pelo perfil falso, pessoas que utilizam para promover debate, um personagem de humor como é constante nas redes sociais da atualidade ou até mesmo para violentar outras pessoas.

duas categorias de adolescentes: uma composta por indivíduos que comportamentos pouco altruístas somente durante a adolescência, e outra composta por um pequeno número de indivíduos que demonstram comportamentos não altruístas desde a infância, o que se mantém ao longo da adolescência e da vida adulta.

Para Silva, existem diferenças cruciais entre o *bullying* e o *ciberbullying* que podem ajudar a compreender estes dois fenômenos de violência, nas palavras da autora:

Essa distinção é fundamental para que possamos entender os motivos pelos quais muitos adolescentes apresentam comportamentos ilegais e antiéticos, que incluem o *Bullying* e o *Ciberbullying* (categoria mais grave). Exatamente por terem dificuldades de se colocarem no lugar do outro, muitos adolescentes acreditam que seus atos são apenas “brincadeiras” sem maiores consequências e sabem que são menores e protegidos pelo ECA (estatuto da criança e do adolescente). Outros não entendem que, se passarem uma mensagem dolosa, se tornam cúmplices (ou co-autores) da agressão e, por isso, também são passíveis de punições (SILVA, 2010,p.135).

Podemos observar que o fenômeno *bullying* na maioria das vezes é banalizado, sendo considerado como simples comportamento de um grupo de crianças ou adolescentes e justificado como brincadeiras sem grandes consequências. Entretanto, os danos provenientes do *bullying* podem ser desastrosos, afetando de maneira negativa as vítimas e podendo tomar proporções infinitamente maiores das que pretendia pelo agressor, podendo provocar desde a diminuição da autoestima, suicídio e até atitudes agressivas com resultados homicidas.

Há três tipos de pessoas envolvidas no *bullying*, considerados os personagens do bullying: o agressor, a vítima e os espectadores. O agressor ou autor de bullying é tipicamente popular e tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos antissociais, desde muito cedo apresentam uma versão as normas, com muita dificuldade de aceitar serem contrariados ou frustrados. A frustração acontece quando um indivíduo é contrariado na execução de seu objetivo ou gratificação. De acordo com algumas pesquisas a experiência da frustração aumenta a probabilidade do ato agressivo. Silva (2010) aponta uma serie de características provenientes do sujeito agressor:

Eles podem ser de ambos os sexos. Possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade e, na maioria das vezes, estas características estão associadas ao um perigoso poder de liderança que, em geral, é obtido ou legitimado através da força física ou de

intenso assédio psicológico. O agressor pode agir sozinho ou em grupo. Quando ele está acompanhado de seus “seguidores”, seu poder de “destruição” ganha reforço exponencial o que amplia seu território de ação e sua capacidade de produzir mais e novas vítimas (SILVA, 2010, p.43).

Dentre os protagonistas do *bullying* encontramos também as vítimas, geralmente são crianças e adolescentes mais retraídos, tímidos e inseguros, com baixa autoestima, têm poucos amigos, são passivos, quietos e não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos. Muitos passam a ter baixa autoestima, resistem ou recusam-se a ir para escola, chegando a desenvolver várias consequências psíquicas e comportamentais. Silva (2010) cita como principais consequências de um sujeito vitimizados: sintomas psicossomáticos, transtorno do pânico, fobia escolar, fobia social, transtorno de ansiedade generalizada, depressão, anorexia, bulimia, transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), transtorno do estresse pós-traumático (TEPT) e ainda outros quadros menos frequentes como esquizofrenia, suicídio e homicídio.

Com relação à ocorrência deste tipo de consequências, a autora, salienta:

Vale destacar que os problemas relatados, em sua maioria, apresentam uma marcação genética considerável, ou seja, podem ser herdado dos pais ou dos parentes próximos. No entanto a vulnerabilidade de cada indivíduo, aliada ao ambiente externo, às pressões psicológicas e às situações de estresse prolongado, pode deflagrar transtornos graves que se encontravam, até então, adormecidos. Desta forma, devemos refletir de maneira bastante conscienciosa que, além de o bullying ser uma prática inaceitável nas relações interpessoais, pode levar a quadros clínicos que exijam cuidados médicos e psicológicos para que sejam superados (SILVA,2010,p.32).

Outro protagonista desta realidade são os espectadores, aquele que presencia a violência contra colegas, porém não a pratica e nem sofre. Os espectadores muitas vezes se calam por medo de ser a próxima vítima, portanto, apenas testemunham as ações dos agressores, mas não tomam qualquer atitude em relação a isso. Geralmente, os espectadores, são divididos em três grupos distintos: os passivos que são os que se calam, mesmo não concordando as atitudes dos *bullies*, os ativos, que apesar de não participarem ativamente dos ataques contra as vítimas, manifestam “apoio moral” aos agressores, com risadas e palavras de incentivo e os neutros que não demonstram

sensibilidade pelas situações de *bullying* que presenciam, são acometidos por uma espécie de “anestesia emocional”.

As inquietações expostas por ocasião de refletir sobre o tema *bullying* e ver que é um fenômeno que pode ser encontrado em qualquer lugar e contexto, nos faz focar o nosso olhar e observarmos que programas antibullying vêm sendo desenvolvidos com o intuito de reduzir esse tipo de comportamento violento entre as crianças e adolescentes.

Um clique, dois cliques... Chega de bullying

Nosso objetivo com este texto científico é construir e elucidar de forma plural e horizontal conhecimento sobre o bullying, através da análise do site do Movimento Cartoon, “Chega de Bullying”, proposto pelo Cartoon Network (CN), canal por assinatura presente em território brasileiro desde 1993. Desde então, dedica-se exclusivamente a exibição de desenhos animados produzidos nos Estados Unidos e também a alguns blocos de desenhos de outras nacionalidades, no Brasil, quem ganhou espaço na programação do CN foi a Turma da Mônica, com produções especiais em seus 50 anos.

Contudo, além da produção de desenhos, o CN Latino América (que inclui aqui o Brasil), comprometeu-se a apoiar os esforços para acabar com a violência contra as crianças sob a bandeira do Movimento Cartoon, programa de responsabilidade social, que visa principalmente no melhoramento da vida de crianças e adolescentes vítimas do *bullying*. Neste estudo iremos analisar a interface do site e sua divisão de conteúdo, bem como elementos imagéticos, principalmente o personagem que compõem a campanha do “Chega de Bullying”.

Figura 1 - Na imagem abaixo é possível visualizar a página inicial do site, “Chega de Bullying”.



Fonte: Reprodução site do Movimento Cartton “Chega de Bullying”.

1 Interface do site e conteúdo

Colorida, alegre e vibrante, a interface do site do Movimento Cartoon “Chega de Bullying” convida seu público-alvo, crianças e adolescentes, a navegarem pelas suas páginas e a participar de uma reflexão sobre a temática do bullying. Em sua página principal, a criança e o adolescentes⁶, é convidada a assumir uma postura proativa, existe a possibilidade de navegar através de um *menu* superior “O que é bullying?, Dicas para os estudantes e dicas para os adultos : pais e educadores”, segmentando seu público. Logo a baixo deste *menu*, o interagente pode fazer o download de apostilas e conhecer os parceiros deste projeto desenvolvido pelo CN, abaixo e direita, existe o termo de compromisso que norteia todo o movimento Cartoon, este termo pode ser assinado por todas as idades e regiões do Brasil. Também é possível ver através de um contador, o número de pessoas que já estão engajadas nesta proposta de mobilização social virtuais de crianças e adolescentes.

Na mesma linha, só que a esquerda, existe um vídeo, onde a criança é posta a refletir sobre as diferenças, já que estas são um dos principais mecanismos que pode fomentar a prática de *bullying* dentro e fora do ambiente escolar.

⁶ Que a partir deste momento estarei utilizando a nomenclatura interagente, já que em perspectivas de estudos, a criança e o adolescente irão interagir com o site.

Após, o interagente começa a ter conceitos e materiais que agreguem conhecimento a eles sobre o bullying. De forma interativa também existe a presença de uma enquete, dicas de como lidar com bullying e um *quiz*, que capta o quanto o interagente sabe sobre a temática.

A navegabilidade do site pode ser feita através do *menu* superior, clicando, ou através do *scrollbar*, barra de rolagem. Com relação às cores utilizadas na produção do site podemos destacar a predominância do Azul, Magenta e Amarelo, presentes na construção do logo do projeto. Se analisarmos o emprego estas cores, podemos perceber que elas levam entusiasmo, alegria e vibração as crianças.

2 Elementos imagéticos

O movimento Cartoon possui como elemento central para a campanha “Chega de bullying” o personagem Billy, do desenho animado “As Terríveis Aventuras de Billy & Mandy” (*The Grym Adventures of Billy & Mandy*). Para compreender a escolha do personagem para este projeto, estudamos alguns episódios da série para elucidar as características dos personagens. Billy, personagem da campanha, é visto nos desenhos de uma forma inocente e sem maldades, ao contrário de sua amiga Mandy, que por inúmeras vezes é grosseira com seu amigo, uma personagem valentona. Puro osso, personagem do ceifador, ocupa um lugar de intermédio, não sendo violento. Com estes *inputs* fomos capazes de perceber a linha condutora entre a proposta do projeto e o desenho animado. Billy por sofrer violência, mesmo que velada de sua amiga e colegas, é o personagem para a campanha que vem promover uma construção e premissas sobre o bullying. Até mesmo evocando em muitas vezes, a chamada “não fique calado, chega de bullying”, fortalecendo atitudes proativas das crianças e jovens que sofrem com esta violência.

Figura 2 - Na imagem abaixo o personagem é violentado através de ambiente online, caracterizando-se como cyberbullying.



Fonte: Reprodução site do Movimento Cartoon “Chega de Bullying”.

Os desenhos presentes no site complementam a construção do texto: ora Billy está cabisbaixo na presença de um colega relatando o sofrimento do bullying, com seu pai em um sofá, ou até mesmo em posturas que elucidam a atividade de crianças que participam ativamente de ações de prevenção, como na imagem junto com o contador de pessoas envolvidas no manifesto. Onde é possível observar o personagem vibrante, com braços erguidos, simbolizando um grito de vitória. Além de disto, o personagem possui duas imagens onde está representado como vencedor: na categoria envolva-se, onde o mesmo é tipo como um “super-herói” e na categoria enquete, onde ele recebe uma medalha por sua sabedoria. Já na interface para adultos, existem outras imagens que são relacionadas ao bullying na internet, na imagem, aparece o personagem cabisbaixo após receber um xingamento em uma rede social digital, supostamente postado por um usuário no anonimato. Além, desta podemos destacar a presença da imagem com a turma, mostrando que a escola também é um local onde a temática deve ser desenvolvida com os alunos, principalmente na aceitação das diferenças; A imagem apresenta a turma, onde os personagens são crianças, felizes assegurando medalhas.

Vídeo: na primeira cena aparecem três crianças, com aparentemente 10 anos, andando nos corredores de um colégio. A segunda cena aparece um menino franzino com óculos, lanchando e logo em seguida a câmera mostra que um dos meninos, do

grupo de três crianças, dá um “tapinha” em seu companheiro, mostrando o menino que está lanchando. Logo este menino se desloca em direção ao outro personagem que está lanchando, e os dois meninos começam a rir. Com a proximidade do menino do grupo, o garoto começa a guardar suas coisas compressa. Após, um breve diálogo sobre histórias em quadrinhos, onde o menino maior pergunta “esta é a revista nova do super capitão”, e o menino menor responde “é sim”, o menino maior diz que “adora a revista do super capitão”, e começa a conversar com o outro sobre as partes da revista.

Após aparece um off com a mensagem do programa: “Nós temos muito mais coisas em comum do que diferenças, além do disso as diferenças são boas. Todos temos tamanhos, cores e qualidades diferentes. Um mundo melhor começa com amor pelo próximo, vamos nos unir, bullying é inaceitável. Saiba e assine o compromisso em - chegadebullying.com.br -, chega de bullying não fique calado”. Ao final aparecem ambos, juntos convidado um ao outro para jogar *videogame* e *skate*.

No vídeo é possível perceber a presença do estereótipo do valentão e dos grupos, mas principalmente, sobre a questão das diferenças, e assinala que uma das principais ocorrências do bullying acontece, pois a pessoa não conhece ou possui receio de aceitar as diferenças.

Material didático: as apostilas são destinadas para os públicos do site, principalmente crianças e adolescentes, professores do ensino básico (ensino fundamental e médio) e gestores. As apostilas são divididas nas seguintes categorias: Chega de bullying não fique calado: introdução, Estudantes do ensino fundamental I, Docentes do ensino fundamental I, Estudantes do ensino fundamental II e médio, Docentes do ensino fundamental II e médio, Pais, mães e responsáveis e Diretores, diretoras e demais gestores e gestoras. Os materiais são coloridos e interativos fazendo com que a criança e o adolescente venham identificar melhor as situações do bullying e suas apresentações no cotidiano.

Considerações finais

Compreender como as mídias são capazes de auxiliar na (in)formação de crianças e adolescentes foi uma das principais preocupações que tivemos no transcorrer deste artigo. Unindo ideias da Comunicação e da Psicologia Social, pensamos como a

Comunicação pode gerar bons resultados, encontramos no Movimento Cartoon um exemplo, de projeto de responsabilidade social corporativa, que pode ser seguido por inúmeras empresas brasileiras, não somente no combate do bullying, mas sim, na conscientização de uma sociedade não violenta. Nesta perspectiva, o estudo e a intervenção do *bullying* e do *cyberbullying* como fenômeno social deve ser interdisciplinar, devido a suas manifestações e construções em diferentes momentos da evolução desta violência.

O Cartoon Network cumpre o Movimento Cartoon – Chega de Bullying- com seu objetivo de *informar e formar juntamente com o consumo dos desenhos, seu principal produto online e off-line*, a importância do debate sobre o bullying, a aceitação do diferente e a construção de uma sociedade sem violência. Mesmo ao se tratar de um canal por assinatura e por assim atingir um número restrito de crianças e adolescentes, o movimento é capaz de articular atores sociais importantes para a discussão desta temática. Os elementos educativos, e o movimento nas redes sociais, faz com que o movimento cartoon seja apreciado por crianças, adolescentes e até mesmo adultos, pois, traz no seu núcleo estruturante o Billy, personagem de um desenho animado que é violentado por sua amiga e outros personagens de “*As Terríveis Aventuras de Billy e Mandy*”, mostrando que as animações também podem ser um espelho daquilo que vivenciamos em nosso cotidiano social.

O projeto não é engessado, ou seja, não se limita a informar a criança e o adolescente, ele faz um elo entre a comunidade escolar e também aos pais e professores, adultos que devem estar mais atentos as atitudes de suas crianças e adolescentes, nesta construção, o site serve como principal plataforma para impulsionar as ações trazendo dicas de como os adultos e responsáveis podem identificar atitudes que crianças e adolescentes possuem quando são violentados por seus pares.

Estas características são diferenciadas entre o bullying e cyberbullying, mostrando para os sujeitos responsáveis que a prática do bullying também ocorre no ambiente virtual. Salientamos também aqui, a rede formado pelo Cartoon Network, na produção deste projeto composto pela Plan, Visão Mundial, Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI), Facebook e o Governo do Estado de São Paulo, onde está situado o escritório no Brasil. Muito mais que compreender todo o conceito do bullying, o projeto se mantém convicto que a importância é artigos forças para melhorar a

qualidade de vida de meninos e meninas, crianças e adolescentes que sofrem com a violência seja ela no ambiente familiar, na rua, na escola ou até mesmo em ambientes virtuais.

Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988.

Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: promulgado em 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>

_____. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Estatuto da Criança e do Adolescente: um guia para jornalistas**. Belo Horizonte, MG: Rede ANDI Brasil, 2009.

_____. Projeto de Lei Nº___ 2009. Programa de Combate ao Bullying. Disponível para acesso em: <<http://goo.gl/F6hJui>>

_____. Estado do Rio Grande do Sul. Lei Estadual do Rio Grande do Sul - **Lei nº 13474-10- RS-Bullying**. Disponível para acesso em: <<http://goo.gl/LTsUOY>>

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignación y Esperanza**. Alianza Editorial. Madrid, 2012.

RECUERO, Raquel. Atos de Ameaça a Face e a Conversação em Redes Sociais na Internet. In: Alex Primo. (Org.). **Interações em rede**. 1ed. Porto Alegre: Sulina, 2013, v. 1, p. 51-70.

ROCHA, Telma Brito. **Bullying**: conceito e contextos da violência. **Revista Ateliê**. Salvador. n.7. p. 24 - 30. Agosto 2012.

TOGNETTA, Luciane Regina Paulino. **A formação da responsabilidade ética**: estratégias de trabalho com afetividade na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

TORO, José Bernardo; WERNECK, Nisia Maria Duarte Furquim. **Mobilização Social**: um modo de construir a democracia e a participação. UNICEF – Brasil, 1996.

Websites

CARTOON NETWORK. Disponível para acesso em: <www.cartoonnetwork.com.br>. Acesso em: 18.09.2014

MOVIMENTO CARTOON. Disponível para acesso em: <www.chegadebullying.com.br>. Acesso em: 18.09.2014